





A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA E COM OS BEBÊS NO CONTEXTO DOS TERRITÓRIOS BRINCANTES INTERNOS NO NEIM DORALICE TEODORA BASTOS

The Education of Ethnic-Racial Relations towards the babies within the context of "Territórios Brincantes Internos" at the NEIM Teodora Doralice Bastos

Daniela Amélia Martins CONSTANTINO

Rede Municipal de Educação de Florianópolis
Florianópolis, Brasil

daniela.constantino@prof.pmf.sc.gov.br
<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

Este relato foi desenvolvido com um grupo de bebês que frequentavam o Núcleo de Educação Infantil Municipal (NEIM) Doralice Teodora Bastos, localizado no município de Florianópolis, do qual é elaborada a proposta metodológica "Territórios Brincantes" (2017), sendo estruturados territórios no espaço externo (parque), bem como, no espaço interno (sala). Tal abordagem, instigou a elaboração do planejamento referente à temática da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) para o grupo, abrangendo três diferentes culturas - a africana, indígena e a oriental, mediante uma documentação pedagógica que refletia a organização do espaço e a singularidade de cada bebê. Dentre as várias propostas, foi estruturado o "Bebeliê", espaço desenvolvido para potencializar as linguagens expressivas, criativas e comunicativas dos bebês e do qual promoveu momentos lúdicos através de experiências ricas que refletem o currículo, em especial a ERER, potencializando suas experiências acerca do conhecimento sobre os diferentes povos.

PALAVRAS-CHAVE: Bebês. Educação das Relações Étnico-Raciais. Territórios Brincantes.

ABSTRACT

This report was developed with a group of babies who attended the Municipal Child Educational Center Doralice Teodora Bastos, located in the city of Florianópolis, from which the methodological proposal "Territórios Brincantes" (2017) was elaborated, where external (parks) and internal areas (classrooms) were structured. This approach inspired the development of a proposal focused on the education of Ethnic-Racial Relations (ERER) for the group, covering three different cultures: African, Indigenous and Eastern, through a teaching documentation that reflected on the space organization and the individuality of each baby. One of the key elements of the proposal was the creation of the "Bebeliê" space, developed to enhance the expressive, creative and communicative languages of the babies. This space promoted recreational moments through some rich experiences that help build their life experiences, particularly the ERER, promoting awareness of the diverse cultures that make up our world.

KEYWORDS: Babies. Education of Ethnic-Racial Relations. Playful Territories.

EM BUSCA DE UM “TERRITÓRIO”

O novo é algo que nos desestabiliza e abre espaço para a resistência ou para a transformação das pessoas. No meu caso, apostei nesse segundo aspecto. Minha imersão em uma nova unidade educativa trouxe-me alguns receios, mesmo que esse espaço educativo não fosse tão novo assim, mas explicarei melhor a seguir. Faz mais de dez anos que atuei pela primeira vez como professora no Núcleo de Educação Infantil Municipal (NEIM) Doralice Teodora Bastos. Naquele momento a unidade educativa adotava os projetos como proposta metodológica, baseado nos documentos orientadores e curriculares da rede, bem como, em documentos nacionais. Retorno à essa unidade em 2023, tendo os territórios brincantes¹ como proposta metodológica. Mesmo que eu tenha participado de formações sobre a proposta e acompanhado o trabalho da unidade educativa pelas redes sociais, nada pode ser comparado ao estar inserida nesse coletivo de profissionais, compartilhando dessa proposta pedagógica. Pois bem, aqui estou e passo a contar-lhe um pouco dessa experiência como professora de bebês nos territórios brincantes.

Desbravando Percursos com o Grupo de Bebês

O grupo² em que atuei como professora³ nesse ano de dois mil e vinte e três era constituído por doze bebês e três crianças bem pequenas⁴, se caracterizando com um grupo misto. Durante todo o primeiro semestre tivemos uma rotatividade⁵ de bebês no grupo que por motivos diversos acabavam desistindo da vaga. No início do segundo semestre, foi realizado o processo de abertura de novas inscrições e, nesse tempo,

¹ Os Territórios Brincantes” (2017-2023) é uma proposta metodológica elaborada coletivamente a partir da criação de espaços dinâmicos, estéticos e criativos que potencializam as experiências e o protagonismo infantil (FLORIANÓPOLIS, 2023), tendo a brincadeira e as interações como eixos norteadores do currículo da Educação Infantil.

² Farei referência a este grupo como “grupo de bebês”, uma vez que a grande maioria era constituído por bebês, tendo apenas três crianças bem pequenas.

³ Sou professora auxiliar de educação Infantil e nesse ano de 2023 assumi a docência do grupo de bebês no período matutino devido a organização do trabalho em turno único concedida pela PMF na Unidade Educativa.

⁴ A Rede de Educação Infantil no Município de Florianópolis adota a nomenclatura “bebês” para definir as crianças com idade de até um ano e onze meses, “crianças bem pequenas” de dois anos e onze meses a três anos e onze meses e “crianças pequenas” com idades de três anos e onze meses a cinco anos e onze meses (Florianópolis, 2012).

⁵ Algumas famílias tiveram que se mudar para outras localidades, bem como, a notícia sobre o ataque em uma creche em Blumenau envolvendo a morte de cinco criança no mês de abril de dois mil e vinte e três, acabou gerando insegurança às famílias que recém chegavam à unidade educativa.

recebemos bebês e crianças bem pequenas de vários países, bem como, de localidades distintas do nosso país, algo muito recorrente nas nossas unidades de educação infantil. Sobre isso, a Reedição das Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, destaca:

Com a crescente migração e imigração de famílias de diferentes cidades, estados e países altera-se, permanentemente, a composição das relações sociais e culturais vividas nas Unidades Educativas e nos contextos locais em que estas estão inseridas. Este fato passa a requerer atenção aos processos múltiplos de inserção (não apenas na entrada na Educação Infantil, mas em uma cidade, em uma comunidade, em uma língua nova etc.) e de permanência que abarcam configurações e reconfigurações relacionais que incidem sobre seus processos educativos. Processos de inserção para essas crianças e famílias ganham contornos e sentidos múltiplos, pois são atravessados por questões que envolvem aspectos culturais, sociais e étnico-raciais" (Florianópolis, 2002, p.79).

O processo de inserção mencionado neste documento envolvendo as crianças e famílias, também relacionava-se ao contexto ao qual eu estava perpassando, tendo em vista minha inserção nessa Unidade Educativa. Tal conjuntura me fez refletir sobre esse momento em constante mudança e, a partir da observação do grupo que se constituía, propus o planejamento com o intuito de ampliar as referências dos bebês acerca dos diferentes povos. Nessa investida, escolhi⁶ três diferentes culturas - a africana, indígena e a oriental⁷ contemplando a Educação das Relações Étnico-raciais (ERER) para nortear o planejamento desse grupo no segundo semestre de dois mil e vinte e três. A seguir, irei apresentar o desenvolvimento deste trabalho.

Bem-Vindo ao seu Território, Agora Nosso Lugar⁸

A organização dos territórios brincantes é delimitada por duas subdivisões – os territórios externos, organizados nas áreas externas - no parque, e os territórios internos organizados na sala de referência de cada grupo.

Os territórios externos são planejados coletivamente no período da hora atividade dos professores e professoras, ocorrendo geralmente às segundas-feiras. Esse coletivo

⁶ Ostetto (2000) destaca que o processo de elaboração do planejamento envolve escolhas e essas escolhas derivam de crenças ou princípios. Segundo a autora, depende da visão de mundo, de criança, de educação, de processo educativo que temos e que queremos.

⁷ Fiz a escolha por essas três culturas, por elas serem bem distintas entre si, atentando para o fato que seria de uma grande riqueza apresentar essa heterogeneidade entre ambas ao grupo de atuação. Também, ao revisitar os documentos dos bebês, as entrevistas e fichas de matrícula, encontrei nesse último, dados sobre o pertencimento étnico-racial dos bebês, enunciados como pretos, amarelos e indígenas, seguindo as categorias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e tal análise também refletiu sobre essa escolha.

⁸ Frase utilizada na fachada de acesso ao NEIM Doralice Teodora Bastos.

de profissionais se reúne uma vez por semana para tratar dos temas, objetivos, estratégias, núcleos da ação pedagógica contemplados e da organização dos territórios como os espaços, a estética, a qualidade dos materiais, as possibilidades brincantes das propostas, fazendo sugestões, produzindo materiais, entre muitas outras ideias que resultam desse planejamento. Já os territórios internos são organizados nas salas de referência de cada grupo, podendo ter indicativos dos territórios externos.

Confesso que, a princípio, quando comecei a participar da proposta metodológica dos territórios, tive dificuldades para pensar essa organização, pois o intuito era que essa metodologia pudesse subsidiar tanto os territórios externos como os internos. Mas, eu pensava, como isso seria possível com o grupo de bebês?

Então, optei por estruturar um planejamento que não fosse contemplado nos territórios externos, mas que também pudesse contribuir com as ações educativas propostas no NEIM. Com isso, e mediante as observações que já estavam sendo realizadas desde a constituição desse grupo de bebês, surge a organização do planejamento com o foco na ERER. Assim, são asseguradas aos bebês, novas vivências sobre a temática, do qual assumo meu compromisso político, bem como, contemplo o direito das crianças ao patrimônio histórico, artístico e cultural da humanidade, como indica a Matriz Curricular para a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica (2016).

Minha pretensão não era ferir os princípios da proposta metodológica dos territórios brincantes que já estava constituída na unidade educativa. Mas, como mencionei anteriormente, eu estava em processo de inserção nesse coletivo de profissionais do qual também refletia a minha constituição enquanto profissional da educação. E como fazer isso sem ferir os princípios de uma proposta já consolidada? Como garantir uma prática educativa que amplie, diversifique e complexifique a vivência dos bebês que recém chegam à unidade educativa? Além do currículo da Rede Municipal de Educação Infantil, o Projeto Político Pedagógico do NEIM Doralice me auxiliou sobre a compreensão desse processo ao salientar que,

Para além dos Territórios, o planejamento deve se constituir de indicativos do grupo, de segmento de uma rotina que organiza as crianças nos espaços do NEIM, e dessa forma, extrapola para ações que os professores, enquanto protagonistas, juntamente com as crianças, têm a autonomia para a autoria dos planejamentos (Florianópolis, 2023, p.45).

Essa foi a informação que precisei para qualificar a proposta de trabalho com esse grupo de bebês. E o planejamento passou a ser seguido antes ou após o lanche, antes de iniciarem as vivências nos territórios externos ou nos dias em que não era

possível realizar os territórios externos devido às condições climáticas. Mas, todo esse processo atravessado por mim, ia se conectando, sem que eu me apercebesse desse movimento. Isto porque, quando nos organizamos no coletivo para planejar os territórios externos, muitas ideias eram discutidas, compartilhadas, perpassando um processo reflexivo sobre a prática que nos inspira, nos alimenta. A inserção não era somente dos bebês e suas famílias, mas minha também, como profissional recém chegada ao NEIM Doralice Teodora Bastos.

Desbravando Novos Horizontes - nossa rotina

Os bebês estão constantemente se apropriando desse mundo que os rodeia, utilizando seus diferentes sentidos. E não podemos privá-los de momentos que possam ampliar seus repertórios de referência com esse mundo. A organização do território externo nunca foi um impedimento para que as propostas em sala pudessem acontecer e, no caso desse grupo, as experiências dos bebês só se ampliaram com a organização de ambas, uma complementando a outra.

No início do semestre apresentei alguns elementos da cultura da nossa Ilha da Magia,⁹ como é chamada a nossa cidade de Florianópolis, dentre eles, a pesca artesanal. E, a rede de pesca, patrimônio cultural da nossa cidade, acabou se constituindo como um elo de transição de uma proposta que vinha acontecendo no primeiro semestre e que se expandiu para o segundo. Se pensarmos que a rede de pesca faz a captura de alimentos para saciar a necessidade de subsistência de muitos moradores da nossa Ilha da Magia, aqui ela surge como símbolo estratégico do planejamento.

A rede de pesca, ao ser lançada ao mar, se abre e se acomoda sobre as suas águas. Ao ser puxada pelo pescador, vai capturando várias espécies de peixes que o nosso mar nos oferece. Aqui, nesse planejamento, a rede de pesca foi pendurada no teto da sala e ao ser aberta, capturou elementos de três diferentes culturas, compondo uma organização estética. No emaranhado de fios foram alinhavadas bonecas Abayomi, símbolo da cultura africana, filtro dos sonhos, elemento da cultura indígena e pássaros de origami – o Tsuru, símbolo da cultura oriental.

⁹ O Ciclo das águas foi o primeiro território brincante organizado no NEIM Doralice ao iniciar o ano letivo de dois mil e vinte e três. Essa proposta me inspirou no planejamento, na tentativa de referenciar a nossa cidade que é litorânea, trazendo elementos que abarcassem não apenas as praias e suas belezas naturais, mas o conhecimento sobre a cultura local como a pesca, expressões folclóricas, as artes, entre outros.

Os bebês ao chegarem na sala, se depararam com esse ornamento que chamava a atenção pelos objetos ali expostos, suas cores, formas, movimentos.

Quadro de Figuras 01: A organização estética da sala de referência e a recepção dos bebês.



Fonte: arquivo pessoal.

Mas, não foi somente o teto pensado para compor a estética da sala, pois as paredes, o chão, mobiliários, tudo era considerado como possibilidade de organização pedagógica de modo que os bebês pudessem contemplar as diferentes constituições culturais através do artesanato, da imagem, da escrita, da música, da dança, entre outros.

Quadro de Figuras 02: Momentos de apreciação das imagens nas paredes e mobiliários.



Fonte: arquivo pessoal.

Tínhamos muitas imagens¹⁰ na sala de referência e elas ficavam em locais específicos, mas havendo uma troca constante de modo que os bebês pudessem apreciá-las em diferentes ocasiões da rotina, respeitando o seu tempo contemplativo. E a curiosidade em apreciar as imagens foi sendo desenvolvida, às vezes, numa contemplação solitária, outras vezes partilhando desse momento com alguém. O olhar fixo sob um único foco, os dedinhos que acompanhavam essa leitura da imagem numa busca por se apropriar para além do olhar, uma inclinação do corpo para melhor apreciá-las, um ver e rever, um tempo despendido nesse ato contemplativo eram momentos vivenciados pelos bebês, indicando que esse processo de apreciação estética estava sendo afluído.

Dentre essas imagens, realizamos uma exposição da artista plástica e fotógrafa *Lorna Simpson*¹¹ na parede da sala de referência. E as obras dessa artista, serviram de inspiração para realizarmos a proposta do cabelo diferente, contemplando a participação das famílias¹².

Sabemos que a participação das famílias nos eventos organizados durante o cotidiano da instituição educativa demanda toda uma logística por parte da família e também da unidade educativa, mas é importante reiterarmos a sua participação, uma vez que, os bebês se sentem seguros e acolhidos quando as famílias estão envolvidas no seu cotidiano. As famílias foram convidadas a dedicarem um momento de cuidado com os cabelos dos bebês, fazendo uso da criatividade na elaboração de penteados, ressignificando suas possibilidades de usos. Além disso, organizamos a sala com adereços, perucas, bonecas, para contemplar os bebês de famílias que por motivos diversos não conseguiram se organizar para desenvolver essa ação compartilhada. E nessa dinâmica, os bebês foram selecionando aquilo que lhes despertava interesse, respeitando o seu gosto, seu desejo de ser e estar durante essa vivência, pois independente do uso que se faça do cabelo, é necessário primar pelo respeito aos seus modos de ser, numa construção positiva da sua identidade.

Os bebês que chegavam com os seus penteados elaborados pelas suas famílias ficavam enaltecidos com o cuidado realizado, anunciando o seu contentamento por meio

¹⁰ Elaborei um Banco de Imagens extraído da internet com pessoas de diferentes idades e de origem étnico-racial africana, indígena e oriental.

¹¹ *Lorna Simpson* utiliza a técnica da colagem nos cabelos de mulheres negras, abordando questões referente a gênero, raça e identidade, dando novos sentidos e significados aos cabelos das mulheres negras. Ver em: <https://lsimpsonstudio.com/publications>

¹² As famílias também participaram de ações envolvendo a doação de sacolas para a confecção da boneca indígena, pintura do *panô* durante a confraternização com a família, bem como, de outros eventos organizados pela unidade educativa e pelo grupo.

de gestos ou palavras, no caso dos falantes. Na sala, a brincadeira potencializou o repertório brincante, compartilhando o cuidado com o outro, seja entre seus pares, professoras e brinquedos.

Quadro de Figuras 03: As possibilidades estéticas e lúdicas com os cabelos.



Fonte: arquivo pessoal.

Além das imagens, havia uma cabana contendo objetos que instigavam a brincadeira dos bebês, organizada num espaço que ficava permanente na sala. Os bebês transitavam por esse espaço, criavam brincadeiras, apreciavam o que ali estava sendo oferecido, bem como, era um lugar de refúgio, de estar consigo mesmo, ou com o outro, dependendo da necessidade de cada um.

Quadro de Figuras 04: Momentos de brincadeiras na cabana.



Fonte: arquivo pessoal.

Ao refletir sobre o papel do brinquedo na construção da identidade desse grupo de bebês, disponibilizamos na cabana, bonecas negras de pano e de borracha. Os bebês levavam as bonecas negras a diferentes espaços, elaborando brincadeiras que envolviam ações muitas vezes vivenciadas no cotidiano educativo, suscitando experiências diversas com as bonecas como, por exemplo, levá-las ao balanço, a rede, a subir nas costas de um robusto boi ou de um singelo caracol e até mesmo se sentar à mesa para apreciar uma apetitosa refeição. Esses foram alguns dos repertórios criados pelos bebês ao interagirem com as bonecas negras das quais faziam parte do dia a dia vivenciado pelo grupo e, conseqüentemente, ampliaram os seus repertórios de brincadeiras.

Quadro de Figuras 05: Momentos de brincadeiras com bonecas negras.



Fonte: arquivo pessoal.

A organização estética do espaço da sala de referência era uma constante. E, a cada cultura apresentada, um tapete era estendido no chão, geralmente embaixo da nossa rede de pesca, como num ritual. Ali eram dispostos objetos, vestimentas, livros, artesanato, brinquedos, instrumentos musicais e a música embalava a vivência dos bebês com esses artefatos culturais.

Quadro de Figuras 06: Composição da estética da sala com os elementos de cada cultura étnico-racial.



Fonte: arquivo pessoal.

De início, a organização dos tapetes causou certo estranhamento, tendo em vista que, era algo não vivenciado pelo grupo e foi preciso realizar um convite aos bebês para que pudessem se adentrar nesse espaço organizado. E, foi assim que começaram a se familiarizar e se apropriar da organização dos tapetes.

Quadro de Figuras 07: Interações no tapete com os elementos da cultura africana.



Fonte: arquivo pessoal.

Durante a exposição do tapete da cultura africana, o ritmo instigante da capoeira que tocava despertou o desejo de uma criança em compartilhar a dança com uma boneca negra feita de pano. E a boneca ganhou vida nas suas mãos ao conduzir o brinquedo com movimentos delicados, exercitando a coordenação de seus braços ao movimentar a boneca de um lado a outro, durante a brincadeira.

Quadro de Figuras 08: A dança com a boneca negra.



Fonte: arquivo pessoal.

Cada elemento contido no tapete era anunciado de acordo com o seu nome, sua função de modo que os bebês pudessem ir aos poucos atribuindo o seu sentido e significado. Os bebês faziam as escolhas dos materiais que desejavam manusear/apreciar e essa apresentação tinha uma constância¹³ que se fazia necessária, possibilitando o respeito ao seu tempo de conhecer. Essa constância era realizada em momentos pontuais como, antes ou na impossibilidade de oferta dos territórios externos (dia de planejamento coletivo ou quando as condições climáticas estavam desfavoráveis) e, às vezes, a mesma organização em sala se estendia por semanas, contemplando também os bebês que por motivos afins estiveram ausentes.

O momento do lanche¹⁴ também recebeu influência dos três povos étnico-raciais, pois passamos¹⁵ a organizar a mesa do lanche com alguns elementos que referenciam esses povos, como por exemplo, o vaso de flor e a vela aromática, representando a cultura indígena, o Ikebana (arranjo de flor) para representar a cultura oriental e a música instrumental ao ritmo de tambores, do berimbau, entre outros instrumentos que representavam a cultura africana. Durante essas vivências, ao mesmo tempo que

¹³ O Dicionário Online de Português define constância como (...) Qualidade do que é constante; qualidade do que é contínuo. Reprodução constante de um mesmo fato ou fenômeno (...); continuidade. (...) Etimologia (origem da palavra *constância*). A palavra *constância* deriva do latim "constantia, ae", que significa perseverança, firmeza (2024). Disponível em : <https://www.dicio.com.br/constancia/>. Acesso em: 03 de jan. de 2024.

¹⁴ No segundo semestre, estava previsto a frequência desse grupo de bebês no refeitório durante o lanche, de modo a propiciar maior integração com outros grupos. Porém, algumas especificidades tiveram que ser contempladas, como a chegada tardia de alguns bebês que precisavam dessa primeira refeição na unidade educativa e o estabelecimento de uma rotina com maior acolhimento para os bebês que manifestaram desconforto quando se despediam de seus familiares. Desta forma, essa rotina se manteve na sala, algo acordado com a equipe da cozinha e equipe diretiva.

¹⁵ Daqui por diante, farei a escrita do texto na 3ª pessoa, pois havia uma segunda profissional muito importante, a auxiliar de sala que me acompanhava no atendimento com esse grupo, me auxiliando nas propostas educativo-pedagógicas. Deixo aqui registrado minha gratidão e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido em parceria com essa profissional.

estávamos atentas a preservar a integridade física dos bebês ao dispor elementos que poderiam causar algum acidente, como no caso da vela ou do vaso de flores e folhas que poderiam ser inalados ou ingeridos pelos bebês, também estávamos a potencializar a vivência com esses elementos. Sobre isso, se destaca:

Criar o sentido de pertencimento à natureza será favorecido por atividades com os quatro elementos da natureza: terra, água, ar e fogo. Ao invés de simplesmente omiti-las porque são consideradas perigosas poderemos em nome de objetivos pedagógicos essenciais como o sentir-se natureza, aprender juntos, como aventurar-se no (dito) perigo sem machucar-se (Faria, 1999, p. 79 *apud* Florianópolis, 2023).

É fato que os dias iniciais causaram grande euforia entre os bebês e exigiram um diálogo constante, principalmente quando a vela era disposta acesa sobre a mesa. Com o passar dos dias, a vela já fazia parte da rotina do grupo e não causava tanta euforia. Em contrapartida, a vela nos permitia outras possibilidades de explorações lúdicas e sensoriais com os bebês, como sentir o cheiro exalado, o calor, observar o movimento, a luz, como também, momentos de brincadeira com a respiração para conduzir o sopro na expectativa que a vela se apagasse e pudesse ser acesa novamente pelas professoras.

Quadro de Figuras 09: Momentos do lanche com a intervenção de elementos étnico-raciais.



Fonte: arquivo pessoal.

E a cultura oriental também fez parte da rotina do lanche, a partir do convite aos bebês, a participarem da cerimônia do chá de frutas. A sala foi organizada com bandejas de madeira e sobre estas foram dispostas as xícaras e pires de porcelana. O bule contendo o chá, foi colocado na mesa de centro e servido por nós, professoras. No lanche do dia foi servido biscoito de maisena e oferecido juntamente com o chá. A

música oriental soava tranquila durante a cerimônia do chá, envolvendo os bebês nessa experiência. Os bebês foram convidados a se acomodarem no tapete e, em frente às bandejas, partilhavam desse momento com os colegas de grupo e professoras. E se a linguagem falada não estava tão presente, havia outras formas de linguagens expressas, como as trocas de olhares ao compartilharem de um mesmo espaço e materiais com o outro, de sorrisos, de gestos que indicavam desejos ou recusas, de movimentos leves e delicados que exigiam certa precisão para segurar a xícara, de apreciar a música que tocava e se deixar tocar.

Quadro de Figuras 10: A cerimônia do chá na sala de referência do grupo.



Fonte: arquivo pessoal.

E, durante a nossa rotina, as histórias também estavam presentes, pois acreditamos que todo percurso que passamos, guarda na memória, muitas histórias e elas, as histórias, foram nossas companheiras. Inicialmente, fomos selecionando algumas histórias, bem como, fomos utilizando recursos de mediação de leitura¹⁶ de modo a perceber os interesses, gestos, a receptividade dos bebês com as narrativas,

¹⁶ Para ampliar as reflexões sobre os diferentes recursos para se contar histórias, sugiro Debus (2006), Busatto (2003), Sisto (2006).

independentemente de como ela era apresentada. Com esta breve análise, passamos a estruturar o espaço de forma convidativa e acolhedora.

O espaço da sala era organizado com cadeiras, tapetes, almofadas e fazíamos o convite aos bebês para que se acomodassem da melhor forma, mas também primando pelo respeito às suas escolhas. Estar com um brinquedo nas mãos, sentar-se no balanço, ouvir a história em pé ou caminhando, fazer parte do cenário que compunha a narrativa, foram muitas das situações que se desenrolaram durante esse momento. Sobre isso, Eliane Debus, pesquisadora na área da literatura, sinaliza que “Qualquer que seja a estratégia escolhida, ler ou contar vai exigir do professor a coragem de se expor, de calar e também de ouvir. Uma dinâmica interacional, que traz para o jogo não só quem conta, mas também aquele que ouve” (Debus, 2006, p.78). E, dentre as possibilidades selecionadas, utilizamos o varal de histórias, o avental, contação oral, uso das tecnologias audiovisuais, livros organizados nas prateleiras, mesas e cestas, leitura de poemas em folhetos, uso de fantoches e realizamos uma contação de história durante um momento de integração com outro grupo de crianças do NEIM.

Quadro de Figuras 11: Vivências com as histórias na sala de referência.



Fonte: arquivo pessoal.

E, em meio a nossa rotina com as histórias, fomos ganhando muitos apreciadores com o tempo, salvaguardando o direito à literatura desde a mais tenra idade, tão bem frisado por Candido¹⁷ (2011). Com o passar do tempo, os bebês foram se apropriando com maior intimidade do livro e suas histórias, buscando os exemplares de seu interesse nas prateleiras, fazendo suas leituras solitárias, compartilhando com alguém ou com algum brinquedo nesse momento. Também passaram a perceber que o espaço tinha outra forma de organização quando uma narrativa era apresentada e nos auxiliavam nessa organização pegando almofadas, arrastando cadeiras, entre outros.

¹⁷ Candido (2011), destaca que o direito à literatura deve estar atrelado a ideia de suprir uma necessidade básica do ser humano, assim como, o alimento, a casa, a roupa.

Para o nosso planejamento, contemplamos histórias africanas através da narrativa oral sobre a boneca Abayomi e utilizamos o recurso audiovisual para apresentar a história da “Bruna e a Galinha d’Angola”, de Gercilga de Almeida, bem como, apresentamos o vídeo¹⁸ sobre a capoeira e o maracatu. Também, fizemos uso do recurso audiovisual para apresentar a história indígena “Pikuim, o pequeno curumim”, de Marcos Antônio Ribeiro Pietrucci, e utilizamos o varal de histórias para contemplar a narrativa “O rouxinol do Imperador”, de Hans Christian Andersen, de origem oriental. O data show foi utilizado como recurso para apresentar a técnica do teatro de sombras, de tradição oriental.

Bebeliê: um território emergente

Com o passar do tempo, fomos percebendo que o espaço da sala não acolhia a amplitude de vivências com as linguagens expressivas dos bebês e isso nos incomodava. E, ao observar a arquitetura do NEIM, encontramos no corredor¹⁹ que dá acesso aos fundos da unidade educativa, e ficava anexo à nossa sala, uma opção possível para vislumbrar novas ações com os bebês. Esse local foi revitalizado e inaugurado o nosso Bebeliê - o ateliê dos bebês, um espaço criado para potencializar as linguagens expressivas, lúdicas, criativas e comunicativas do nosso grupo de bebês.

O educador italiano Loris Malaguzzi, concebe o ateliê como espaço das “Cem linguagens²⁰” das crianças (Gandini, 2019). E, desde então, sua abordagem vem servindo de inspiração para muitos educadores que buscam qualificar a sua prática com as crianças. Sob esta perspectiva, a obra “Ateliê Aberto”, propõe o conceito de “abertura”, entendida como a construção de “possíveis”, como possibilidade do indivíduo estar em relação a um contexto usufruindo de múltiplos encontros (Bonaccini, 2023 – grifos da autora). Nesse mesmo enfoque, Prandi (2023) sinaliza que,

O ambiente se qualifica como lugar de conhecimento e se caracteriza como um contexto capaz de assumir significados e sentidos no encontro com as possibilidades de experiências geradas pelo maravilhamento, pelas relações, pelas pesquisas e curiosidades de meninos e meninas que se movimentam em um espaço organizado e projetado por adultos competentes. O ateliê é um espaço de ação que deve ser capaz de ativar sinergias, linguagens, sensorialidades difusas, prazeres, diálogos e aprendizagens múltiplas (Prandi, 2023, p. 19).

¹⁸ Esses vídeos foram tirados da internet.

¹⁹ Essa necessidade de criação de um novo espaço foi compartilhada e discutida com a supervisão, direção e coordenação, sendo favoráveis a estruturação desse novo espaço.

²⁰ O termo “Cem linguagens” foi uma forma simbólica expressa por Loris Malaguzzi ao explicitar que as crianças possuem infinitas formas de se expressar.

E, foi assim, compartilhando dessa mesma perspectiva que o Bebeliê passou a ser organizado. O intuito era que esse espaço pudesse oportunizar novas vivências com as diferentes linguagens, bem como, com os elementos artístico-culturais dos povos africanos, indígenas e orientais.

Iniciamos as propostas no Bebeliê organizando o espaço com elementos da cultura africana, realizando a pintura de máscaras de papel e casca de coqueiro, e a observação de imagens de máscaras africanas. Para nos acompanhar nessa proposta selecionamos música instrumental africana²¹ para embalar as pinceladas dos nossos bebês.

Quadro de Figuras 12: Vivências no Bebeliê com elementos da cultura Africana.



Fonte: arquivo pessoal.

Nessa investida, nossos pequenos e pequenas se deslocavam aos espaços de seu interesse, fazendo as escolhas dos materiais que desejavam manusear, num diálogo constante sobre as materialidades e a sua ação sobre elas, experimentando diferentes possibilidades do seu fazer.

Para as vivências com elementos sobre a cultura indígena, o espaço foi estruturado com a pintura de tecido utilizando tintas naturais e guache, pintura na cerâmica, escultura na argila com elementos naturais como gravetos, penas, folhas, rolhas, apreciação de flores e folhagens e exploração de areia de diferentes tonalidades e texturas.

Quadro de Figuras 13: Vivências no Bebeliê com elementos da cultura Indígena.



Fonte: arquivo pessoal.

²¹ As músicas selecionadas eram utilizadas pela plataforma de áudio Spotify.

As obras da artista plástica *Lorna Simpson*²² também nos inspirou na organização do Bebeliê ao oportunizar momentos de exploração das cores preta e branca através de propostas com a pintura, modelagem e construção. Compomos a mesa com massinha caseira e grafismo no piso, no muro expomos fotografias dos bebês nas cores preta e branca e disponibilizamos um painel em tecido preto para a vivência com a pintura na cor branca.

Quadro de Figuras 14: Vivências no Bebeliê com as cores preta e branca.



Fonte: arquivo pessoal.

Em relação a cultura oriental, realizamos a proposta com a pintura do leque, momento de culinária mediante o preparo do sushi²³ e montagem do Ikebana (vaso de flores). As vivências nesse espaço foram diversas, mas vale destacar uma situação marcante durante a realização da culinária do sushi, como ilustra o registro a seguir:

Quando chegamos ao Bebeliê, fui apresentando as possibilidades de propostas, como a pintura do leque disposta na parede do muro, a culinária do sushi organizada na mesa, e, por último, a montagem do vaso de flores, organizada no tapete dos fundos. Mas senti a necessidade de retornar à mesa e realizar uma breve exposição sobre a montagem do sushi, apresentando os ingredientes disponíveis e o modo de preparo dessa culinária. Comecei colocando alguns alimentos sobre a folha de repolho e depois enrolando essa verdura. Alguns bebês me olhavam atentamente e logo em seguida, começaram a agir sobre os materiais. Uns preferiram somente transferir os alimentos de um recipiente a outro, mas outros não se contentaram apenas com essa ação e passaram a seguir os passos anunciados durante a minha exposição. Primeiramente, escolhiam os ingredientes para colocarem sobre a folha de repolho, como a beterraba e cenoura ralada, e na sequência, enrolavam a folha de repolho, rememorando o processo de elaboração deste prato típico da cultura oriental (Registro da Professora, nov. de 2023).

Esse registro nos elucida o quanto os bebês estão atentos ao que se passa no seu entorno, se apropriando do conhecimento e ressignificando a sua experiência através da brincadeira e das interações.

²² As imagens utilizadas pela artista em suas obras eram nas cores preta e branca e a estruturação do Bebeliê foi elaborada a partir de ações com essas mesmas cores.

²³ Para essa brincadeira de culinária utilizamos legumes como a cenoura e beterraba e as folhas de repolho brevemente amolecidas com água fervente para propiciar maior maleabilidade durante a preparação do sushi com os bebês.

Quadro de Figuras 15: Vivências no Bebeliê com elementos da cultura Oriental.



Fonte: arquivo pessoal.

O Bebeliê possibilitou vivências que favoreceram o desenvolvimento da autonomia dos bebês, seus saberes e maior intimidade com os materiais, os espaços, sem precisar da nossa intervenção constante. Sobre isso, destacamos:

[...] é importante ressaltar que esta presença mediadora, atenta e sensível ao que os bebês estão fazendo e como estão se relacionando entre si e com o espaço, não significa a necessidade de constante intervenção dos adultos. A observação atenta também representa mediação e possibilita identificar quando é necessário agir junto ao bebê, entregando-lhe um novo objeto, auxiliando a conquistar algo, preservando a sua integridade física e potencializando suas possibilidades de brincadeiras e descobertas acerca do que lhe é oferecido. Todo esse movimento se torna um profícuo caminho para a organização do trabalho docente que deve ter como ponto de partida a própria criança e a brincadeira como eixo estruturante e estruturador do planejamento pedagógico (Florianópolis, 2022, p.46).

Nessa investida, precisamos acolher os bebês e estarmos atentas aos seus enunciados, de modo a oportunizar vivências instigantes que potencializam suas descobertas sobre esse cotidiano coletivo.

DEIXANDO RASTROS

O trabalho realizado com a ERER foi uma possibilidade de exercer a minha docência e de potencializar o desenvolvimento dos bebês, conhecê-los, percebê-los na sua inteireza, a partir de seus interesses, seus maravilhamentos, suas frustrações e negações. O direito a uma educação de qualidade, depende daquilo que oferecemos às crianças, desde bebês, nas nossas unidades de educação infantil.

Tenho plena consciência que as unidades educativas carecem de muitos recursos, sejam eles físicos, estruturais, e até mesmo humanos que qualifiquem o nosso trabalho, mas não dá para ficarmos inertes, na expectativa que o extraordinário aconteça. É preciso que tenhamos coragem, que busquemos parcerias para qualificar as nossas proposições com as crianças.

E, faço aqui um testemunho, com a pretensão de inspirar professores e professoras da educação infantil ao deixar registrado sobre o quanto é possível vislumbrar novos “territórios” com as crianças, desde bebês. O aprendizado não será somente deles, mas nosso também, tendo em vista que estamos em constante relação uns com os outros. E, no meu caso, em particular, além da minha formação profissional e dos tantos aprendizados proporcionados pelas relações vividas com os bebês no encontro com os diferentes elementos da cultura africana, indígena e oriental, compreendi que o trabalho desenvolvido com o grupo nos espaços da sala e no Bebeliê não desconsiderou a proposta coletiva da unidade educativa. Isto porque, a complementação de temas, materialidades e vivências, para além daquelas oferecidas nos territórios externos, também compõe os objetivos dos Territórios Brincantes, ou seja, da proposta metodológica do NEIM Doralice Teodora Bastos. Além disso, tal proposta sobre a ERER contribuiu com o planejamento coletivo, culminando com a organização de territórios brincantes sobre a temática.

Acrescento ainda que, embora o planejamento tenha sido estruturado por mim, a partir do meu olhar sobre o meu grupo de atuação, ele recebeu a participação de muitos profissionais que se constituem nesse coletivo, se configurando numa docência compartilhada.

Então, fica o convite, para que possamos pegar carona nas asas do Tsuru e ampliar os nossos conhecimentos e o conhecimento dos bebês e crianças acerca do patrimônio histórico, artístico e cultural. Que possamos utilizar o filtro dos sonhos para potencializar as nossas ações educativas-pedagógicas nesse espaço de educação coletiva. Que a boneca Abayomi nos inspire a levar alegria, felicidade para as pessoas com as quais convivemos, sejam elas adultos ou crianças. Enfim, que possamos juntos(as) desbravar novos “territórios” na educação infantil...é o que desejo, é o que as nossas crianças, desde bebês, têm direito!

REFERÊNCIAS

BONACCINI, Sabrina. **Ateliê Aberto**. Ateliê Centro de Pesquisa e Documentação Pedagógica. Brasil: 2023

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 2. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003, 2ª edição.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CONSTÂNCIA. **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2009-2024.
Disponível em: <https://www.dicio.com.br/constancia/>. Acesso em: 03 jan. de 2024.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança**: a leitura literária na Educação Infantil. São Paulo: Paulus, 2006.

FARIA, Ana Lúcia G. de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marimna Silveira (orgs.) **Educação Infantil pós-LDB**: rumos e desafios. Campinas: Autores Associados 1999.

FLORIANÓPLIS (SC). Prefeitura. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Educação Infantil. **Projeto Político Pedagógico do NEIM Doralice Teodora Bastos**, Florianópolis, 2023, p.45.

FLORIANÓPLIS (SC). Prefeitura. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Educação Infantil. **Reedição das orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de ensino de Florianópolis** [livro eletrônico] / Prefeitura do Município de Florianópolis. 2. ed. Florianópolis, SC: Secretaria Municipal de Educação, 2022, Disponível in: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/09_03_2023_11.18.56.71dddde2d9aba8d1f628cc40ac4cb4b9.pdf

FLORIANÓPLIS (SC). **Matriz Curricular para a Educação das Relações étnico-raciais na Educação Básica (ERER)**, Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis, SC, 2016.

FLORIANÓPLIS (SC). **Orientações Curriculares para a Educação Infantil Municipal**. Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis, SC, 2012.

GANDINI, Lella. **O papel do ateliê na educação infantil**: a inspiração de Reggio Emilia. Organizadores, Lella Gandini et al.; tradução: Roberto Cataldo Costa; revisão técnica: Clarice de Campos Bourscheid, 2. ed., Porto Alegre: Penso, 2019.

JONES, Kellie; GOLDEN, Thelma; ILES, Chrissie; BECKWITH, Naomi. **Lorna Simpson**. Disponível em: <https://lsimpsonstudio.com/publications>. Acesso em: 03 de jan. de 2024.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil**, Campinas: SP: Papirus, 2000.

PRANDI, Roberta. Ateliê, um lugar de múltiplas pesquisas. In: BONACCINI, Sabrina. **Ateliê Aberto**. Ateliê Centro de Pesquisa e Documentação Pedagógica. Brasil: 2023

SISTO, Celso. O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê!). In: GIRALDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. 3 ed. Florianópolis: SESC/SC, 2006.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA E COM OS BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS NO CONTEXTO DOS TERRITÓRIOS BRINCANTES INTERNOS NO NEIM DORALICE TEODORA BASTOS

The Education of Ethnic-Racial Relations towards the babies within the context of "*Territórios Brincantes Internos*" at the NEIM Teodora Doralice Bastos

Daniela Amélia Martins Constantino

Especialização em Educação Infantil
Rede Municipal de Educação de Florianópolis
Florianópolis, Brasil

daniela.constantino@prof.pmf.sc.gov.br

<https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Manoel Leôncio de Souza Brito, 75 fundos, Vargem Pequena, CEP 88052400, Florianópolis, SC, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a parceria e o comprometimento da profissional Marinês Dallarosa, auxiliar de sala e a equipe de supervisão e coordenação Cristiane dos Santos Farias e Simone Cristiane Silveira Cintra e a ex-coordenadora Patrícia Lúcia Barbosa da Silva que me incentivaram a realizar a escrita deste trabalho.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Realizado e de posse da autora.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 05-03-2024 – Aprovado em: 12-06-2024.